

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF SEXUAL EDUCATION IN SCHOOLS: A LITERATURE REVIEW

Beatriz Carneiro Pereira¹
Ana Claudia Santos Araújo²
Bianca Andrade Santana³
Harumy Nischiuchi Rocha Lima Bastos⁴
Iris Victoria dos Santos Souza⁵
Joanne Mara Costa de Lima Mota⁶
Natália de Jesus Santos⁷
Marcio Costa de Souza⁸

RESUMO: A adolescência é um período crucial de desenvolvimento, onde a educação sexual desempenha um papel fundamental. No entanto, há desafios na abordagem dessa temática, incluindo tabus familiares e falta de preparo dos educadores. Este estudo tem como objetivo compreender as implicações de instruções sobre sexualidade nas escolas, explorar os elementos relacionados a esse contexto e apresentar uma visão abrangente sobre o tema. A metodologia empregada consistiu em uma revisão de literatura em base de dados, selecionando nove artigos entre 2019 e 2021 para análise. Esse processo envolveu uma etapa de pré-análise, seguida pela exploração minuciosa dos materiais e o tratamento dos resultados obtidos. Com o resultado da pesquisa, notou-se que a ausência de uma abordagem abrangente da educação sexual nas escolas revela lacunas na preparação dos educadores e na estrutura curricular, refletindo desafios na promoção de uma saúde sexual e reprodutiva adequada entre os adolescentes. Concluiu-se então que a educação sexual enfrenta desafios em diversos contextos, como a falta de diálogo entre pais e filhos, a escassez de tempo dedicado ao tema nas escolas e a pouca procura por orientação sexual na área da saúde. Essas lacunas ressaltam a urgência de espaços de discussão e orientação para melhorar a qualidade de vida dos adolescentes e suas famílias.

1752

Palavras-chave: Educação Sexual. Sexualidade nas Escolas. Formação de Professores. Estudantes.

¹Estudante de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

²Estudante de Odontologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

³Estudante de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

⁴Estudante de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

⁵Estudante de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

⁶Estudante de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

⁷Estudante de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

⁸ Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana.

ABSTRACT: Adolescence is a crucial period of development, where sex education plays a fundamental role. However, there are challenges in approaching this subject, including family taboos and a lack of preparation on the part of educators. This study aims to understand the implications of sexuality instruction in schools, explore the elements related to this context and present a comprehensive view of the subject. The methodology employed consisted of a literature review in a database, selecting nine articles between 2019 and 2021 for analysis. This process involved a pre-analysis stage, followed by thorough exploration of the materials and treatment of the results obtained. As a result of the research, it was noted that the absence of a comprehensive approach to sex education in schools reveals gaps in the preparation of educators and in the curriculum structure, reflecting challenges in promoting adequate sexual and reproductive health among adolescents. It was therefore concluded that sex education faces challenges in various contexts, such as the lack of dialog between parents and children, the scarcity of time dedicated to the subject in schools and the low demand for sexual guidance in the health area. These gaps highlight the urgency of spaces for discussion and guidance to improve the quality of life of adolescents and their families.

Keywords: Sexual education. Sexuality in schools. Teachers training. Students.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período importante no desenvolvimento humano, caracterizada por uma série de transformações físicas, emocionais e sociais. Este período é marcado por mudanças biopsicossociais, nas quais as relações com os pares ganham importância e a sexualidade apresenta-se de forma clara. Porém, as manifestações sexuais podem se dar de diferentes formas para cada indivíduo, pois são influenciadas pelas crenças, valores familiares e pessoais, tabus e normas morais construídas socialmente (Danzmann et al., 2022). A lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, que rege o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) constata que a adolescência é a etapa da vida entre a infância e a fase adulta. Sendo essa etapa marcada por vários processos de mudanças físicas, emocionais e psicológicas, por isso é necessário ter atenção e orientação voltada para essa fase (BRASIL, 1990).

Neste sentido, de acordo com Danzmann et al. (2022), uma rede familiar faz-se necessária durante a adolescência, na qual os pais e/ou cuidadores possam enfatizar e orientar os filhos sobre educação sexual e reprodutiva, bem como sanar as dúvidas diante dos enfrentamentos ocasionados por este período. Sendo assim, sabe-se que muitos pais enfrentam dificuldades em abordar a temática da educação sexual com seus filhos, e muitas famílias consideram o assunto como um tabu, e por causa disso os adolescentes procuram outros meios de se informar sobre o assunto, no qual as rodas de conversas com amigos e a Internet surgem

como solução. Só que nem sempre o conhecimento encontrado nesses meios está correto e pode levar os adolescentes a esconderem sua sexualidade.

De acordo com Nogueira, Zocca, Muzzeti e Ribeiro (2016), educação sexual é um conjunto de informações direcionadas as questões da sexualidade e suas nuances como o corpo, relacionamento sexual, sentimentos, assim como, oportunizar a discussão sobre valores, mitos e tabus que está ligado ao sexo. Os autores também enfatizam que as informações apresentadas durante a educação sexual são direitos de todas as pessoas. A sexualidade é compreendida como algo que vai além do ato de concepção e abrange aspectos históricos e sociais.

Assim como os familiares dos adolescentes enfrentam dificuldades na quebra do tabu, os professores não estão distantes dessa realidade. Para as autoras Barcelos e Jacobucci (2011), outro empecilho está associado à influência religiosa e familiar que muitas vezes conflitam com a atual realidade. De fato, quando as crenças religiosas são colocadas à frente dessa temática, são encontradas as barreiras da autopreservação, do julgamento e, assim, afastamento dos alvos da pesquisa com o tema.

Conclui-se, a partir da percepção de pais, filhos e docentes, que existem falhas na educação sexual transmitida aos adolescentes nos mais diversos contextos. No que se refere ao ambiente familiar, o principal entrave é o desconforto dos adolescentes em falar sobre sexo e sexualidade com os pais. Da mesma forma, os pais sentem-se despreparados ao tocar nesses assuntos. Já no contexto escolar existe limitação do tempo para o debate e diálogo, e é direcionado apenas para as disciplinas de ciências. Além disso, no contexto da saúde identifica-se a pouca procura de orientação sexual tanto por adolescentes como pelos pais, recorrendo a esses somente em situações muito específicas. Logo, a educação sexual para os adolescentes e familiares carece de espaços visando uma melhora na qualidade de vida dos envolvidos.

O objetivo deste estudo foi entender as implicações da educação sexual nas escolas, os fatores correlacionados ao mesmo e mostrar uma visão geral sobre a temática a partir da visão dos familiares, discentes e docentes.

METODOLOGIA

Esta pesquisa consiste em um estudo de revisão de literatura, no qual foram pesquisados artigos científicos e documentos nas bases de dados do SCIELO e do Google Acadêmico, com os seguintes descritores: educação sexual, educação sexual nas escolas, educação sexual para adolescentes, na língua inglesa, espanhola e portuguesa. O período da publicação dos artigos

escolhidos foi entre 2019 e 2021. Após análise de adequação dos artigos sobre a temática estudada foram escolhidos 9 artigos científicos nas bases de dados. Para esta seleção, foi realizada uma leitura do material obtido, inicialmente título e resumos, para a escolha inicial e depois todo o artigo, feito assim a seleção para atender ao objetivo do estudo.

Na avaliação, inicialmente foi realizado a pré-análise, no qual foram organizados os materiais e foram escolhidos os documentos que foram analisados e formulados de acordo com os objetivos gerais e fundamentamos a pesquisa. Em sequência foi procedida a exploração dos artigos, os quais foram escolhidos se os mesmos se encaixassem no perfil da pesquisa através de uma leitura minuciosa do texto, a fim de explorar o material e por fim, foi realizado o tratamento dos resultados, dos conteúdos dos documentos e artigos, classificando os elementos semelhantes e distintos para serem inseridos segundo as suas características.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Destaca-se a vulnerabilidade dos adolescentes à infecção sexualmente transmissível (IST) e à gravidez não planejada, atribuída a diversos fatores, como condições socioeconômicas e prática sexual precoce. A falta de percepção da própria vulnerabilidade e as barreiras para tomar decisões são apontadas como tributárias para altos índices de IST. Em uma pesquisa realizada entre 2012 e 2013, com estudantes de 12 a 18 anos, em escolas públicas da tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina evidenciou-se que, o grupo que referiu menor acesso às informações foi o que apresentou maior percentual de práticas sexuais genitais, de forma mais precoce e com menor adesão ao uso de preservativo (PRIOTTO *et al.*, 2018).

Ademais a gravidez na adolescência é considerada um problema de saúde pública, com riscos para a saúde dos jovens e da criança. Dessa forma, é pontuada a fragilidade das ações educativas sobre o planejamento familiar em muitos serviços de saúde, o qual destaca a importância da educação em saúde para prevenir doenças e promover o diálogo sobre sexualidade, gravidez e IST entre adolescentes (FRANCO *et al.*, 2020).

Por não estarem informados ou subsidiados por informações consideradas corretas, os adolescentes aprendem e disseminam informações inadequadas e preconceitos que, se somados ao comportamento onipotente característico dessa fase, contribuem para que as experiências sexuais possam condicionar a riscos (COSTA *et al.*, 2001). A vulnerabilidade trazida por estas questões põe em risco crianças e adolescentes a problemas de saúde e a possíveis alterações da vida social, econômica e afetiva dos jovens, pois tendem a levar a tomada de decisões que afetem

negativamente a vida dos mesmos que, se tornam despreparados para lidar com questões de saúde sexual e reprodutiva, tornando-os menos capazes de tomar decisões informadas e proteger sua saúde.

É imprescindível também, levar-se em consideração como determinantes possuem um papel na contribuição da existência dessa vulnerabilidade. Inúmeros estudos mostram a importância de fatores socioeconômicos, políticos e culturais na maior ou menor incidência de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gestações imprevistas. Sendo assim, o contexto em que estão inseridos e condições que fazem parte da vivência do indivíduo devem ser observados para o entendimento de questões de vulnerabilidade e para o planejamento de estratégias que visem superar essa vulnerabilidade (Cabral, 2020).

Podemos citar como forma de exemplificação a questão da desigualdade racial que está presente na educação brasileira. Historicamente, o racismo institucional se caracteriza pela adoção de políticas de purificação da população por meio da eliminação ou exclusão de certos grupos, e sua associação ao biopoder contribuiu à definição de condutas aos indivíduos presentes na sociedade, como citado a frente; “regrar, manipular, incentivar e observar macro fenômenos como as taxas de natalidade e mortalidade, as condições sanitárias das cidades, o fluxo das infecções e contaminações, a duração e as condições da vida” (Sousa, 2012, p. 47)

1756

Além dessas questões, faz-se necessário ressaltar a pauta relacionada a falta de educação/conhecimento, que pode ser usada como um instrumento de manipulação. Pois, a limitação do acesso ao conhecimento pode ser vista como uma forma de imposição sobre o que deve ser seguido socialmente. Sobre os valores e atribuições que são esperados que um indivíduo que faz parte de um ciclo social deve adequar-se, limitando à tomada de decisões autônomas e saudáveis sobre sua sexualidade e saúde. Essas representações e atribuições identitárias estão enraizadas em sistemas de poder e normas sociais dominantes que reforçam certas identidades e marginalizam outras (LOURO, 2014).

Com relação à questão de gênero e sexualidade, as diferenças biológicas inatas aos sexos definiriam os rígidos papéis de gênero e da vivência da sexualidade (LOURO, 2014; TILIO, 2014). Sendo assim, o papel dos gêneros na educação sexual está profundamente enraizado nas normas e expectativas culturais que moldam a sociedade, enfatizado a importância da masculinidade e da feminilidade tradicionais, abordando temas de sexualidade de maneira a reforçar a heteronormatividade e limitar a compreensão dos alunos sobre diversidade de gênero e orientação sexual (OLIVEIRA, 2024).

Diante disso, inúmeros aspectos contribuem para que essa problemática em saúde aconteça, dentre elas destaca-se o desconhecimento dos métodos contraceptivos, a não utilização dos métodos preventivos corretamente e o uso descontínuo pelos adolescentes. Dessa forma, é fundamental o desenvolvimento de práticas educativas tanto no âmbito da saúde como no escolar, que visem a mudança dessas situações, como debates sobre a importância dos métodos contraceptivos, campanhas que promovam a educação sexual, qualificar profissionais em relação ao conhecimento da gravidez na adolescência e transmissão de IST, uma vez que os adolescentes buscam na equipe de saúde uma possibilidade de apoio. (QUEIROZ, 2017)

Além disso, estudos evidenciam que adolescentes que receberam as primeiras informações sobre o risco da gravidez na adolescência e de doenças sexualmente transmissíveis tornam-se menos propensas a engravidarem precocemente, portanto é importante a implementação da educação sexual no currículo escolar obrigatório desde cedo. Nesse contexto, é evidente que a educação, quando acessível para todos, é a melhor ferramenta para transformar este cenário, pois os jovens têm acesso a uma educação sexual abrangente e de qualidade, que orientam para uma tomada de decisão informada e responsável sobre sua saúde sexual e reprodutiva. (MIRANDA, 2022)

Para a PNC - Política Nacional de Cultura - (1998) a orientação sexual deve ser tratada durante todo o currículo escolar, com ênfase a partir da 5^o série, mas no Brasil ainda há falhas na aplicação da prática educativa. A base Normal curricular comum (BNCC) (BRASIL, 2018) a temática possui competências para sua discussão, mas sua abordagem se limita ao 8^o ano ensino fundamental focada numa abordagem sobre o funcionamento do corpo e a reprodução (SOUZA, MOMESSO, 2021).

É na chegada da adolescência que começam as descobertas as quais promovem as principais transformações da vida humana. Por isso, se dar ênfase a três delas: a descoberta do corpo, do sexo e do amor (Silvio, 2018). É notório neste período de puberdade, em que os hormônios ligados à sexualidade são produzidos em alta escala, a qual a maioria dos adolescentes começam a explorar sua sexualidade e prazeres corporais. (FREITAS, NOGUEIRA, 2023)

Portanto, a descoberta do prazer e o desenvolvimento do corpo, juntamente com o sentimento de paixão, loucura e desejo de experimentar, que é intensificado nessa época, encaminham muitos desses jovens a terem relações sexuais precocemente e desprovido de orientação adequada. Outrossim, apesar do sexo ser um tema presente na vida da maioria dos

adolescentes, ainda é um grande tabu que leva a desorientação, podendo desenvolver consequências graves para toda a vida. E isto intensifica a necessidade de ressaltar a importância da educação sexual nas escolas, principalmente na adolescência, visto que é uma fase de descobertas. (FREITAS, NOGUEIRA, 2023)

Outro aspecto importante da temática é o veículo condutor das orientações para os estudantes desta faixa etária, pois a responsabilidade é voltada para os educadores. Estes discutem o assunto, mesmo com déficit de qualificação, ao abordarem apenas o enfoque biológico, desprezando a parte psicossocial e cultural, demonstrando que a temática ainda não é explorada de maneira satisfatória no contexto escolar e encontra-se cercada de mistérios e tabus (Queiroz; Almeida, 2017).

Importante destacar que, os professores acreditam que a escola tem um papel fundamental na educação sexual, contudo a maioria acredita que essa não deve ser uma tarefa exclusiva da mesma, tendo a família um papel importante na educação. (Moraes; Guimarães; Menezes, 2021).

Em um cenário em que o docente de biologia é escalado para abordar, ano após ano, o mesmo tópico, haverá um desgaste por parte do profissional, que passará a conduzir de maneira monótona um tema de extrema importância. Pois, após o desgaste de ser o único na escola com a incumbência de falar sobre sexualidade para os adolescentes, a disciplina deixará de conduzir de modo informativo e passará a ser apenas aulas anatômicas para preencher uma carga horária. (MORAIS, MENEZES, 2021)

Tendo em vista isso, é notória a restrição na maneira de abordar o conteúdo, de modo que é possível falar sobre sexualidade em narrativas dentro de outras disciplinas, como por exemplo a conexão que um professor de história pode conduzir ao contextualizar os abusos sexuais, a falta de métodos contraceptivos e a privação de escolha das servas que se envolveram com membros da corte portuguesa no período colonial. Dessa maneira, existirá diferentes didáticas para alcançar o interesse dos estudantes e possibilitar que o conteúdo transite pelas disciplinas. (MORAIS, MENEZES, 2021)

Ao se falar da escola, o professor se constitui um interlocutor confiável para as questões da sexualidade, na qualidade de adulto significativo para o aluno. Para tanto, há necessidade de disponibilidade pessoal do professor para atender às demandas que recebe em relação ao assunto e dependendo do estilo do professor ele pode inibir ou estimular o aparecimento de dúvidas por parte dos alunos (Jardim; Brêtas, 2008).

No entanto, a maior parte dos professores não possuem formação para tratar de temas de educação sexual e por isso, buscam por si próprios conhecimentos sobre o tema, o que pode causar lacunas no conhecimento e dificultar a transmissão de uma educação adequada. Além disso, a falta de planejamento das escolas e dos docentes para discutir a temática pode intensificar esse problema, levando ao receio por parte dos professores em se aprofundar no assunto. A maioria dos professores afirma a importância do debate dessa temática em sala de aula, no entanto sentem falta de ações permanentes da Secretaria de Educação e que as práticas, quando acontecem, são isoladas e infrequentes (Moraes, Guimarães; Menezes, 2021).

Em vista disso, um elemento estruturante para a dificuldade de trocas e falta de conhecimento, pode estar atrelada a questões morais as quais a sociedade impõe. Esses obstáculos relacionadas à família e a sociedade, relatadas por professores, são importantes pois demonstra conter uma falta de compreensão sobre os conteúdos e as abordagens da educação sexual, pelo fato da “sexualidade” ser um assunto delicado o qual é considerado um tabu que conflitua com orientações religiosas e familiares - suas percepções, valores e mentalidade, as diversidades e os preconceitos (BARCELOS *et al.* 2011).

Logo, a moral judaica-cristã, alicerce de diversas famílias brasileiras, atua como uma barreira que limita a discussão aberta sobre temas de sexualidade. Essa moralidade, fortemente enraizada em tradições religiosas, frequentemente promove uma visão conservadora e restritiva da sexualidade, onde tópicos como orientação sexual, identidade de gênero e práticas sexuais são considerados tabus. Esse conservadorismo acaba refletindo nas escolas, influenciando o currículo e a abordagem dos professores sobre educação sexual. (MORAIS, MENEZES, 2021)

Desse modo, essa falta de compreensão pode resultar em uma educação sexual fragmentada e ineficaz, que não aborda as necessidades reais dos jovens. Portanto, é necessário um equilíbrio que respeite as convicções religiosas enquanto fornece informações precisas e inclusivas, promovendo um ambiente onde os jovens possam aprender sobre sexualidade de maneira saudável. (MORAIS, MENEZES, 2021).

Podemos adicionar a esta visão estruturante, que há uma grande necessidade de se comunicar abertamente com crianças e adolescentes. As informações podem chegar a eles por meio de amigos, família e escola. Contudo, como abordado anteriormente, a família nem sempre assume seu papel na orientação de crianças e adolescentes. Segundo Brêtas e colaboradores (2011), isso acontece porque muitos pais não tiveram liberdade para conversar

sobre o tema em família, quando jovens. Por essa razão, a escola, por vezes, assume sozinha a missão de falar sobre sexualidade. (MENDEL *et al.*, 2023).

O conservadorismo presente na ética moral de muitas famílias exerce uma influência significativa que restringe as discussões sobre sexualidade. Esse conservadorismo, profundamente enraizado em tradições religiosas e culturais, muitas vezes impõe uma visão limitada e negativa sobre o tema. Famílias com essas crenças tendem a evitar conversas abertas sobre o tema, perpetuando um ciclo de silêncio e desinformação. (SILVA; ALMEIDA, 2021).

Essa abordagem não apenas impede a troca saudável de informações, mas também molda as percepções e atitudes dos jovens, levando-os a internalizar sentimentos de culpa, vergonha e confusão em relação a questões sexuais, o que pode ter consequências negativas para o desenvolvimento emocional e psicológico dos jovens. A educação sexual nas escolas, portanto, precisa ir além das informações factuais e incluir estratégias para desafiar e superar esses preconceitos arraigados, ajudando os jovens a desenvolver uma visão integral de sexualidade (Silva; Almeida, 2021).

Entretanto, por conta das mesmas barreiras que tiveram no passado, os próprios professores muitas vezes não se sentem à vontade para tratar de um tema como a Educação Sexual. Souza e colaboradores (2010) ressaltam que estes professores reconhecem a importância de se trabalhar a temática com os alunos, mas carecem de capacitação, o que os faz se sentirem inseguros. Outros fatores, como a timidez, tornam-se lacunas na formação docente e até mesmo a ideia de que o tema deve ser tratado exclusivamente pela família, podem ser apontados como limitantes para a realização de trabalhos relacionados à Educação Sexual. (MOREIRA *et al.*, 2020).

Para garantir que os objetivos envolvidos na Educação Sexual sejam alcançados, a saber, construir o conhecimento acerca da sexualidade e a autonomia sobre o corpo, é necessária a reeducação dos profissionais de Educação que estão em contato frequente com crianças e adolescentes, levando em consideração que os diferentes níveis de aprendizagem demandam diferentes abordagens. (MOREIRA, *et.al*, 2020).

Tal reeducação, de acordo com Gagliotto e Lembeck (2011), deve preconizar a discussão e debate da sexualidade humana nas dimensões histórica, antropológica, biológica, filosófica, pedagógica e psicológica, visando compreender e construir um relacionamento capaz de colaborar com seu desenvolvimento enquanto profissional. Neste sentido, a formação inicial e continuada dos professores, segundo Gonçalves e colaboradores (2013), carece de maiores

investimentos, que podem se mostrar na forma de treinamentos, projetos, programas e cursos de formação continuada (CAMPOS *et. al.*, 2022).

Diante desta realidade, e das lacunas apresentadas, a enfermagem torna-se uma peça crucial nesse processo por causa da sua formação, o qual tem a capacidade de sanar dúvidas e promover a troca de saberes. Logo, intervenções educativas tornam-se essenciais para a promoção da saúde sexual e reprodutiva, com estratégias que incentivem práticas saudáveis, tornando os adolescentes protagonistas do cuidado com sua saúde no contexto escolar. Vale destacar, a importância da Estratégia de Saúde na Família (ESF) na adaptação dos serviços de saúde para a necessidade da comunidade. Apesar da parceria entre ESF e educação ser importante para prevenir problemas em saúde, nem sempre os profissionais de saúde estão preparados para atender as demandas dos usuários. (Franco *et al.*, 2020).

Ademais, ao educarem seus filhos, os pais tendem a reproduzir as práticas que vivenciaram, que por serem de uma época a qual a sexualidade era tratada como algo que não deveria ser discutido, um tabu, temos como resultado a desinformação e medo. Com isso, é notório que a família exerce uma grande influência na vida das crianças e adolescentes, pois direcionam ou não aquela criança para suas crenças, vivências e escolhas futuras. E, caso não forem direcionadas, correm o risco de não ter o devido contato com a sexualidade de forma correta, acarretando em más escolhas que modifiquem a realidade delas, como uma gravidez na adolescência, serem vítimas de um estupro e não saber como agir, por falta de informação de parte dos pais para com seus filhos. (SOUZA, MILANI, 2020)

Assim, essa herança cultural e familiar pode trazer aos pais algum tipo de resistência quanto aos programas de educação sexual nas escolas. Os mesmos temem que esse tipo de programa incentivem seus filhos a ter relações sexuais antes do tempo ou contradizer os valores que eles aprenderam no passado e passaram para os seus filhos. No entanto, a resistência que existe neste país é baseada, muitas vezes, em falhas de interpretações sobre o conteúdo da educação sexual em si. (SOUZA; MILANI, 2020)

Dessa maneira, é importante que o ciclo de tabu acerca da temática seja quebrado entre pais e filhos, que esse tema seja recorrente nas conversas, através da inserção dos pais nas programações promovidas nas escolas sobre essa temática. Assim, a vivência da paternidade antiga não recairá sobre a atual, e a influência limitada pela falta de informação será abolida com a nova ferramenta de conteúdos. (SOUZA; MILANI, 2020)

Vale ressaltar, que o espaço escolar também pode contribuir positivamente para a educação sexual, visto que é um local onde o adolescente passa grande parte do seu tempo. Nesse sentido, além da educação sexual nas escolas é importante proporcionar aos adolescentes e crianças conhecimentos, questionamentos e reflexão, fazendo com que criem responsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade, a abordagem da sexualidade no ambiente escolar também traz diversas contribuições como o fortalecimento de escolhas seguras, saudáveis e conscientes; a prevenção de gravidez precoce e de IST, além de contribuir para uma educação mais abrangente que promova a compreensão e aceitação da diversidade sexual. (FAIAL *et al.*, 2016; TORQUATO *et al.*, 2017).

Dessa maneira, para se discutir a educação sexual na escola é preciso que os educadores promovam um aprendizado significativo, portanto é necessário elaborar atividades atrativas para despertar o interesse do aluno, pode-se trabalhar com atividades lúdicas como jogos, projetos, simulações e debates, fazendo com que os alunos participem e se expressem. (UCHÔA; FILMER, 2019).

Outrossim, os impactos da gravidez na adolescência são perceptíveis, visto que acontecem mudanças físicas, psicológicas e sociais que são capazes de interferirem negativamente nas expectativas e sonhos desses jovens, e em como eles vão lidar com o bebê. Dessa forma, com relação às mães adolescentes as principais consequências identificadas foram: os conflitos familiares; o adiamento dos projetos dos estudos; menor chance de qualificação profissional, com óbvios reflexos para as oportunidades de inserção posterior no mercado de trabalho; impossibilidade de estabelecer uma família com plena autonomia e projeto de futuro; dependência financeira absoluta da família; e o projeto de vida destas adolescentes a partir da gestação, passou a ser o futuro do filho (TABORDA *et al.*, 2014).

Ademais, com relação aos pais adolescentes as principais consequências apontadas foram: aumenta a ocorrência de abandono da escola; de empregos mal remunerados ou desemprego; problemas familiares, principalmente com a família de origem da mãe do bebê; e de conflitos no relacionamento do casal, podendo levar a altas taxas de separação. Portanto, mesmo quando não ocorre o abandono paterno a responsabilidade pelo bebê, culturalmente, cai sobre as mulheres (LEVANDOWSKI, 2005).

CONCLUSÃO

É importante destacar que, a partir das percepções dos pais, filhos e docentes, existem falhas na educação sexual transmitidas aos adolescentes nos mais diversos contextos. No que se refere ao ambiente familiar, encontramos entraves como o desconforto no diálogo além do despreparado dos pais e responsáveis no que se refere a sexo e sexualidade, por fatores como, tabus e crenças religiosas. Já no que tange o contexto escolar, é necessário um reajuste na instrução dos educadores e no planejamento da transmissão de informações.

Outrossim, é perceptível que as questões socioeconômicas também são obstáculos para que haja o acesso à informação. Visto que isso leva à falha não apenas para encontrar um conhecimento adequado que direcione trocas construtivas, edificadoras que as leve a compreensão enquanto indivíduo, mas também de promover uma ênfase em pautas como a vulnerabilidade na questão da saúde às crianças e adolescentes.

As visões políticas e sociais sobre a educação sexual se modificam constantemente e quase nunca se demonstraram favoráveis para a educação sexual nas escolas, isso é evidenciado com a existência de projetos ou iniciativas que questionam ou buscam restringir a educação sexual. Nesse sentido, o estudo mostrou a necessidade da realização de pesquisas e entrevistas para compreender as necessidades da comunidade em que a educação sexual será trabalhada, onde deve ser considerado os fatores culturais, religiosos e sociais que podem influenciar a abordagem e o treinamento adequado para os educadores, além de um suporte contínuo para mantê-los informados.

Com essa conjectura, é de suma importância o investimento em projetos que envolvam a sociedade, profissionais de saúde e especialistas, levando em consideração as estratificações sociais para propagar o conhecimento científico de maneira acessível, sem impô-lo, e disponibilizar recursos para esses temas serem abordados em casa, em ambiente seguro.

REFERÊNCIAS

ALVES, S. J. Namíbia, não! Biopolítica, necropolítica e racismo de Estado em Medida Provisória. **Captura Críptica: direito, política, atualidade**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 381-400, 2023.

BARBOSA, L. U. et al. Dúvidas e medos de adolescentes acerca da sexualidade e a importância da educação sexual na escola. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 12(4), p. 1-8, 2020.

BARBOSA, L. U.; FOLMER, V. Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, vol. 9, n. 19, 2019.

CABRAL, C. S.; BRANDÃO, E. R. Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. **Cad Saúde Pública**. v.36, n.8, art. e00029420 [5p.], 2020.

CODEÇO, M. M. S. **Experiências de iniciação sexual na adolescência sob uma perspectiva de gênero: implicações para saúde sexual e reprodutiva**. Orientador: Laio Magno Santos de Sousa. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde Coletiva). Departamento de Ciências da Vida, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2023.

DANZMANN, P. S. *et al.* Educação sexual na percepção de pais e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 11, p. 1-13, 2022.

DIAS, F. L. A. *et al.* Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. *Rev. enferm. UERJ*; 18(3): 456-461, 2010.

FERREIRA, L. S.; SILVA, M. G. B. da. Abordagem na educação sexual de adolescentes em ambiente escolar: Relato de experiência. **Textura**, v. 14, n. 1, p. 65-74, 2020.

FRANCO, M. S. *et al.* Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 14: p. 1-8, 2020.

GUIMARÃES, Z. F. S.; MENEZES, J. P. C. de. Educação sexual: as percepções dos professores de biologia do ensino médio. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 14, n. 2, p. 135-156, 2021.

1764

LEVANDOWSKI, D. C. **A transição para a parentalidade e a relação de casal de adolescentes**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MENDEL, A. P. C.; MIRANDA, J. C. Formação de Professores e Educação Sexual: o retrato de um curso de licenciatura em ciências naturais. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 13, n. 38, p. 216-248, 2023.

MIRANDA, J. C.; CAMPOS, I. do C. Educação Sexual nas Escolas: uma necessidade urgente. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 12, n. 34, p. 108-126, 2022.

MONTEIRO, S. A. S.; MOMESSO, M. R. A educação sexual e a educação para sexualidade voltadas para adolescentes: uma leitura discursiva das práticas sociais educativas sobre sexualidade na educação básica no Brasil e em Portugal à luz de Michel Foucault. **Revista Humanidades & Inovação**, São Paulo, v. 8, n. 56, p. 239-255, 2021.

MOREIRA, M. C.; MAIA, A. C. B.; JACINTO, H. F. A. Educação Sexual nas escolas: concepções e práticas de professores. **Revista Psicologia e Educação On-Line**, v. 3, n. 1, p. 47 - 54, 2020.

MORAIS, N. A. A. de; GUIMARÃES, Z. F. S.; MENEZES, J. P. C. de. Educação sexual: as percepções dos professores de biologia do ensino médio. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 14, n. 2, p. 135-156, 2021.

OLIVEIRA, V. A. T.; BARBOSA, R. O. Educação Sexual em Debate: conceitos, experiências e possibilidades. **Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 163-177, 2024.

PATTI, B. A. B.; PINHÃO, F. L.; SILVA, E. C. D. da. Sexualidade na Base Nacional Comum Curricular: uma breve análise. XII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS - XII ENPEC, 12., 2019, Natal/Rn. **Anais [...]**. Natal/Rn: ENPEC, 2019. p. 1-11.

SOARES, Z. P.; MONTEIRO, S. S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em revista**, v. 35, p. 287-305, jan./fev, 2019.

SOUZA, A. P.; MILANI, D. R. D. C. Como pais lidam frente à necessidade de orientação sobre sexualidade nas escolas. In: DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO ENSINO SUPERIOR: OS DESAFIOS DOS DOCENTES NO SÉCULO XXI. **UNIEDUSUL**, p. 72-78, 2020.

TABORDA, J. A. et al. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. **Cadernos saúde coletiva**, v. 22, n. 1, p. 16-24, 2014.

VALADARES, F. F.; NOGUEIRA, A. B. Educação sexual com adolescentes na escola pública: aspectos biopsicossociais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 12, n. 3, p. 45-60, 2023.